

O LETRAMENTO COMO PRÁTICA DE APROPRIAÇÃO ESTÉTICA E CULTURAL DA LITERATURA EM ESCOLAS DE FRONTEIRAS

Lucilene Machado Garcia Arf¹

RESUMO

Este artigo tem como ponto central explorar as possibilidades do letramento literário em escolas públicas municipais, de ensino fundamental, especificamente as escolas que fizeram parte do Programa Escolas Interculturais de Fronteiras – PEIF, realizado nas cidades de Corumbá/MS e Puerto Quijarro/Puerto Suarez na Bolívia, durante os meses de março a dezembro de 2014. Relata as múltiplas experiências que a leitura literária proporcionou, acompanhada de reflexões acerca de suas premissas e interesses. As postulações teóricas sobre o tema se ancoram especialmente em Cosson (2006), Chatier (1998, 2000), Iser (1996) e sobre as vertentes da recepção nos espaços culturais, considerando sempre a apropriação enquanto linguagem.

Palavras-chave: ensino, letramento literário, escola de fronteira.

Introdução

O termo Letramento, bastante usual no ensino/aprendizagem, remete aos processos de apropriação da escrita enquanto procedimento fundamental na sociedade. Mais do que conhecimento de um código simbólico, o termo refere-se a um conjunto de práticas centradas na leitura/escrita. Conforme estudos desenvolvidos por Rildo Cosson (2006), o conceito *Letramento literário* abarca o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Primeiro, o *processo*, que imprime a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento e não se fecha. Esse processo inicia-se com as cantigas de ninar, continuando por toda a vida, a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Na sequência acontece a *apropriação*, ou seja, o ato de retirar da leitura algo para si, de fazer algo pertencer a si próprio, internalizar a ponto do conhecimento ser seu. Condição esta que se justifica não apenas pela capacidade do sujeito de ler e

¹ Doutora em Teoria Literária pela UNESP/São José do Rio Preto. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuando no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços- MEF. E-mail: lucilenemachado@terra.com.br

compreender os gêneros literários, mas de gostar de ler literatura e o fazer pela descoberta de uma experiência de leitura associada ao prazer estético.

Dentro dessa perspectiva, o orientador de leitura deve criar os métodos mais adequados ao contexto de recepção literária. Cosson, no entanto, não restringe a questão do letramento a métodos específicos. Cabe ao promotor da leitura criar métodos e condições que se ajustem ao contexto de recepção.

Assim, o conceito de Letramento Literário abrange questões relevantes, como o inevitável processo de escolarização da literatura; as práticas para formação de leitores; as especificidades da leitura do texto literário; possibilidades de adequações de métodos, dentre outros que estão centrados na escola. Os estudos e pesquisas sobre a temática circunscrevem-se, em sua maioria, à esfera escolar, atribuindo a esta o papel de grande promotora da leitura literária. Isso se justifica porque um texto literário pressupõe trabalho com a linguagem, o que deve ser feito “artisticamente” com a intenção de produzir um efeito estético. Isto se configura o maior desafio da formação do leitor: experimentar a fruição que caracteriza o contato com a literatura.

De acordo com MANGUEL (2006), o fator histórico que condiciona a ideia do profissional de leitura é antigo na sociedade, vale lembrar que a arte de ler ou de ensinar a ler era atribuída aos escribas, profissão pertencente a uma elite aristocrática, o que impedia o cidadão comum de alcançar tal cargo. Isso lhes dava preeminência sobre os demais membros da coletividade. Os eleitos eram preparados a partir de uma idade púbere em uma escola destinada aos escribas. Leitura e escrita reservavam-se ao público masculino para que pudessem, ao fim, exercer o poder. Os métodos aplicados eram selvagens ou superficiais e consistiam em oferecer uma única interpretação. Métodos que deixaram resquícios: ainda hoje é possível encontrar professores que atuam no mercado de trabalho, utilizando métodos retrógrados, que atribuem uma única interpretação ao texto, elaborando questões objetivas, cartesianas, para que todos possam chegar à mesma conclusão na leitura do texto.

Esse interesse clássico pela intenção do texto, com orientação predominantemente semântica, que visava à significação, converteu-se em uma análise da estética do texto com articulações que podem surgir conforme o contexto da recepção. Segundo Iser, essa análise concentra-se em três problemas básicos: “1. Como os textos são apreendidos? 2. Como são as estruturas que dirigem a elaboração do texto

naquele que o recebe? 3. Qual a função do texto literário em seu contexto?” (1996, vol. I, p. 10)

Para Iser, é preciso tomar esses problemas em conjunto e os compreender para avançar no conceito da estética, explorando “a elaboração do texto e, enquanto história da função, fazer com que a interação entre o texto e o mundo textual se torne um objeto central da análise” (Idem). Parte-se do princípio que o texto literário produz algum efeito e libera um acontecimento que precisa ser assimilado. Então, esse “acontecimento” que está no centro do interesse do efeito estético, proporciona a interação entre texto e contexto, tanto quanto entre texto e leitor, além de ater-se às condições históricas da recepção documentada dos textos. Para ISER (1996),

Cada texto literário comporta-se seletivamente quanto ao mundo dado, no interior do qual ele surge e que forma sua realidade de referência. Quando determinados elementos dela são retirados e incorporados ao texto, eles experimentam a partir daí uma mudança de sua significação. (ISER, 1996, vol. 1, p. 11).

Retomando Cosson e seus estudos sobre o letramento em sala de aula, sua linha de pensamento recupera ainda conceitos que permitem compreender a diversidade de formas de ler. Recupera, por exemplo, o conceito de “apropriação” de Roger Chartier que remete à “pluralidade de usos, à multiplicidade de interpretações, à diversidade de compreensão dos textos” (CHARTIER, 1998, p. 249) e como essas múltiplas interpretações e uso do escrito entram em jogo com os processos de hierarquização, consagração ou descrédito dos bens culturais. Chartier enfatiza a importância de considerar a apropriação dos textos no processo educativo e nos adverte sobre a implementação de uma leitura linear, abrindo para as múltiplas maneiras de ler. No caso da leitura de textos literários em sala de aula, é preciso criar condições para a prática, a fim de que os alunos possam se apropriar dos textos fruindo da cultura intrínseca ao mesmo. Ou seja, isso implica focar nos leitores, promover leituras próprias segundo a idade, gostos estéticos e consumos culturais. Assim, é possível conseguir que o conhecimento circule nesse diálogo que se estabelece com a interação.

Entender a leitura literária como “prática cultural”, ao modo de Chartier, implica também associá-la, como teoriza Iser, ao conceito de práxis, que remete à atividade produtiva do ser humano, no sentido material e simbólico. Chartier concebe a leitura

como uma prática cultural realizada em um espaço intersubjetivo, conformedo historicamente, no qual os leitores compartilham mecanismos, comportamentos, atitudes e significados culturais em torno do ato de ler (CHARTIER, 2000). As práticas culturais não são ações fechadas em si mesmo, pressupõem certa continuidade cultural nas maneiras de ler, de se relacionar com o escrito, de atribuir-lhe sentido.

Esta discussão passa a considerar o trabalho base para este artigo - “A literatura como aproximadora de cultura”, Projeto de extensão - aplicado na área de fronteira entre Corumbá- Brasil, Puerto Quijaro/Puerto Soares- Bolívia, em que se trabalhou o letramento sistematizando Cosson e os conceitos de Chatier e Iser, como suporte para discutir os aspectos da cultura regional considerados elementos chave para a construção de sentido.

Segundo Alberto Manguel (2006, p.137), para a construção de sentidos, torna-se imprescindível conhecer os signos da cultura local. Para ele, os métodos com os quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade particular, o respeito à leitura e à escrita – a canalização de informações, as hierarquias do conhecimento e de poder – mas também determinam e limitam as maneiras com que utilizamos essa capacidade de ler. Manguel acredita que,

En todas las sociedades que practican la escritura aprender a leer tiene algo de iniciación, de rito de paso que deja atrás un estado de dependencia y de comunicación rudimentaria. El niño o niña que aprende a leer gana acceso a la memoria comunitaria por medio de los libros, y de ese modo se familiariza con un pasado común que se renueva, en mayor o menor grado, con cada lectura. (MANGUEL, 2006, p. 143).

Seguindo esses princípios, a literatura de determinado lugar é relevante meio de interação entre as pessoas com a realidade, principalmente quando o enfoque se atém a elementos do quadro humano, de fatores culturais e históricos. Desta forma, a obra fronteiriça é pensada como um legado enriquecedor da identidade do povo local, além de ser parte do panorama literário nacional, ou seja, conhecer, discutir, compreender e ensinar na sala de aula não apenas a literatura de nível nacional, mas também da região. Assim, as fronteiras constituem-se em espaços humanos, onde as comunidades com características particulares, marcadas pela interculturalidade, se integram de forma natural e como produto desse encontro surge uma cultura criada e recriada por seus

habitantes. Esse produto se transforma em fonte de conhecimento, identidade, valores que caracterizam a população do entorno, fatores que seriam de grande interesse para a política governamental com o fim de integração e desenvolvimento, porém são, muitas vezes, desconsiderados.

A literatura pressupõe muitos tipos de discursos contemporâneos ou anteriores, diferentes formas de expressão de uma sociedade e de suas diferentes linguagens, seja em sentido positivo ou negativo. Torna-se quase impossível pensar a construção sociocultural sem o auxílio da literatura. O que configura também um desafio para os estudos históricos e para as ciências sociais que utilizam esse aporte em suas especificidades.

Para Gabriel Perissé (2006), a literatura não é uma fuga da realidade, mas sim para a realidade. Isso exige do leitor qualidade, interesse, preocupação com a própria realidade. Com um esforço de “formiguinhas” colocamos o projeto literário em prática.

O Projeto

O Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), desenvolvido em cidades brasileiras de faixa de fronteira e pactuado com cidades de países vizinhos, tem como objetivo principal a integração regional dos respectivos habitantes, por meio de uma educação intercultural que desenvolva atividades relacionadas à cultura, história e tradições comuns ao contexto, além de desenvolver discussões sobre diversidade étnica, memória, identidade e pertencimento. Resumindo, o programa trabalha visando a construção de uma realidade mais tolerante mediada por uma educação específica ao contexto.

Nesta terceira edição do projeto, decidiu-se utilizar a literatura como ferramenta metodológica para desenvolver ações integradoras com o fim de aproximação cultural. A experiência incluiu três escolas municipais de ensino fundamental do lado brasileiro e uma do lado boliviano. Das quatro escolas participantes, um número de 120 professores se comprometeram com o projeto durante os dez meses de execução. Durante esse período, houve uma capacitação contínua para os professores municipais, cujos cursos foram ministrados por trinta professores universitários, a maioria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Todos

trabalharam conjuntamente na proposta de despertar e sensibilizar a comunidade escolar com relação ao papel social de cada um na espacialização fronteiriça.

No início do projeto, seguindo a metodologia escolhida, levantou-se a produção literária da região, ressaltando o trabalho de autores como Manoel de Barros, Lobivar Matos, Abilio de Barros, Augusto Cesar Proença entre outros. O povo fronteiriço, como participantes desse território dotado de paradoxos e complexidades, são sujeitos imanes e objetos de uma série de narrativas sociais locais. Além destas, essa denominação de fronteira esconde um território onde a memória e as lembranças de ontem são caminhos pouco transitados, são histórias esquecidas que não conheceram o presente e da mesma maneira, não conhecerão o futuro, o que tentamos esclarecer aos alunos. Falta algum validador para uma história antiga imaginada, capaz de reconhecer os elementos do tempo e espaço. A arte de narrar será sempre a arte de voltar a contar, e se essa arte não cumpre seu papel, perdem-se as histórias. Por sua vez, as experiências escritas não apenas superam o tempo, como também faz do leitor cúmplice de suas ficções e espaços propostos. Se não produzirmos leitores, o futuro sofrerá a ausência de interfaces entre presente e futuro e, conseqüentemente, de falta de memória.

Embora os métodos de representação da obra literária se utilizam de procedimentos estéticos e apresenta natureza ficcional, metafórica, imagética, simbólica, metonímica que inviabilizariam uma leitura documental, a literatura não perde sua relação com a sociedade e com a história. A obra está articulada com o seu tempo e o escritor é representante de uma cosmovisão que traduz sua relação com esse tempo e espaço histórico. O sistema de ensino deve se apropriar da literatura, entre outros, como um modo de reforçar questões ideológicas e/ou culturais, uma vez que autores e obras são representativos de uma identidade cultural que se pretende apurar e aprofundar. Sem letramento a memória cultural ficará comprometida. A leitura literária precisa ter uma postura engajada que facilite a exploração dos conceitos ideológicos, mas também não pode anular o projeto estético dos autores.

Narrativas fronteiriças

Puerto Quijarro e Puerto Suárez são municípios bolivianos que participaram ativamente do projeto Escolas de Fronteira. O primeiro dista aproximadamente 20 km de Corumbá e o segundo, 31 km. Por questões de transporte, o primeiro município teve

um quantitativo superior em participação, já que o projeto ofereceu um ônibus, com 44 lugares, duas vezes por semana, mas que por questões de leis, não podia adentrar mais do que 100 metros além da fronteira. Como Puerto Suarez está localizado a 10 km depois da linha limite, criou-se um impasse na locomoção, os professores desta cidade tiveram que chegar até este limite por seus próprios meios.

As duas municipalidades são relativamente novas, presume-se que suas fundações estejam marcadas nos anos 40, sem data determinada e pertencem à província de Santa Cruz. A autonomia local é redimensionada cada vez mais pelo comércio de mercadorias, provenientes dos mais diversos lugares do mundo, vendidas, principalmente ao consumidor brasileiro. É essa economia, legalizada ou clandestina, que possibilita melhores condições de vida a essas pequenas cidades. Apesar dos fluxos midiáticos, são comunidades que preservam seus valores, conservam a cultura indigenista, em todas as suas vertentes, e são municípios em intensa transformação. Porém, no desenvolvimento literário, há certa defasagem nos ritmos de produção. A professora Claudia Bowles Olhagaray, em palestra proferida nos cursos de formação das Escolas Interculturais de Fronteira, nos dias 03 e 04 de setembro de 2014, mostrou que na Bolívia existe uma categorização sociocultural binária conhecida como *collas* e *cambas*. Os primeiros são habitantes do ocidente e representam a imagem andina da Bolívia, enquanto os pertencentes ao segundo grupo vivem no oriente e representam a parte mais rica do país, além de associados ao tipo europeu. Isso aponta para a existência de praticamente dois países distintos dentro da Bolívia. Por conta disso, a parte dos *collas* tardou muito a ter acesso à produção literária e, ainda hoje, sofre a escassez de investimento nesta área. Os avanços científicos e tecnológicos só agora estão chegando à região e, segundo, os professores de ensino básico que frequentaram os cursos de capacitação do PEIF, só depois da implantação do governo Evo Morales é que foram, de fato, chamados para assumir um papel de protagonistas na formação educacional. Isso lhes permitiu acesso a cursos de níveis superiores (graduação) por meio de um trabalho de ensino à distância. Quando perguntados sobre a preservação da produção literária local, um deles respondeu que sua literatura estava guardada no coração, dada a escassez de preservação cultural. Fato que revela a riqueza escondida nos seres humanos, até então impedidos de se manifestarem pelos seus governos.

Corumbá, por sua vez, é um município da Região Centro-Oeste do Brasil, situado no estado de Mato Grosso do Sul e é a cidade mais antiga do estado. Situada na Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossenses e à Microrregião do Baixo Pantanal, constitui-se na maior cidade pantaneira, estrategicamente localizada. Por esse motivo, tornou-se importante ponto de entrada das mercadorias europeias. Essa localização, depois da serra de Albuquerque, que finaliza o Pantanal ao sul, no último trecho navegável do Rio Paraguai para embarcações de maior porte a beira do Pantanal, garantiu-lhe um rápido e rico crescimento entre o final do século 19 e começo do século 20, quando a borracha da Amazônia passou a ser exportada por ali. Corumbá foi também um importante entreposto fluvial de Cuiabá e Cáceres, importantes centros fluviais da região numa época em que só se chegava pelo rio, o que fez com que fosse centralizado temporariamente ali o parlamento estadual, época em que Corumbá quase se torna a capital do estado. De acordo com estimativas do IBGE 2014, possui uma população de 108.010 habitantes, o quinto município fronteiro mais populoso do Brasil.

O curso foi desenvolvido por meio de seis módulos temáticos, articulados entre si, previamente orientado por uma sistemática progressiva e interdisciplinar de conteúdos, de modo que os professores de todas as demais disciplinas pudessem dialogar com a literatura. Para isso nos baseamos nas investigações de Chartier, o que não exclui os estudos de Cosson:

A los lectores, espectadores, oyentes que participan de comunidades de interpretación que tienen sus competencias, sus hábitos, sus formas, sus usos, en relación con la cultura escrita. Y se ve que las fronteras clásicas entre las disciplinas desaparecen para que sea posible dar realmente una comprensión histórica de las comprensiones del pasado, del presente de una obra (CHATIER, 2000, www.tvebrasil.com.br).

No caso da leitura de textos literários, os alunos praticaram a leitura em aula e a escola propiciou as condições básicas necessárias para que pudessem se apropriar dos textos como de objetos culturais. Isto implicou centrar a atenção nos leitores para que promovessem leituras próprias fazendo circular nesse diálogo a interação, conforme Chartier (2000) concebe a leitura: uma prática cultural realizada em um espaço intersubjuntivo, conformado historicamente, em que os leitores compartilham dispositivo, atitudes e significados culturais em torno do ato de ler.

Cada unidade escolar contou com um Formador e um Tutor em tempo integral e os Encontros Presenciais, ocorreram de acordo com um cronograma previamente estipulado e todas as ações desenvolvidas pelos Professores Orientadores/Formadores/Tutores foram acompanhadas pelas coordenadoras do programa.

Leitura literária e escola intercultural: avanços e desafios

Considerando as características da prática de leitura nesse contexto de ensino/aprendizagem, em particular, a leitura dialogada apresentou resultados importantíssimos. A leitura e diálogo grupal permitiram que fossem socializados diversos procedimentos. No relatório feito pelas coordenadoras das escolas envolvidas, constata-se que os alunos foram apropriando-se das ideias e reformulando conceitos, elaborando associações e emitindo opiniões que talvez dificilmente ocorresse sem essa interação.

A coordenadora do “Centro de Atendimento Integral à Criança Padre Ernesto Sassida e Centro de Educação Infantil Catarina Anastácio da Cruz”, profa. Edneia Franca declara que o projeto dinamizou as práticas direcionadas ao ensino de literatura, privilegiando a aproximação entre as culturas boliviana e brasileira, em que as intervenções propostas propiciaram a reflexão sobre a apropriação da literatura pela escola, demandando ações que culminaram no acréscimo significativo de práticas de leitura literária no ambiente escolar. Como resultado, o relatório mostra que houve:

Dinamização da leitura literária significativa na escola, de modo a propiciar a aproximação entre culturas.
Reorientação dos planos de aula, de modo a conferir maior dimensão e importância à leitura literária;
Reflexão sobre procedimentos de leitura literária, destacando o entrelaçamento entre aspectos composicionais e temáticos dos textos;
Reorganização do espaço escolar, com a finalidade de abrigar a leitura literária (sala de aula, biblioteca e cantinho da leitura);
Promoção da leitura literária com base em textos em língua espanhola e língua portuguesa, como forma de valorizar o aspecto bilíngue que perpassa a comunicação nesta escola, de ampliar o conhecimento de línguas e de atenuar/evitar o preconceito linguístico (RELATÓRIO PEIF, 2014, p. 11).

O representante da Escola Municipal JOSÉ DE SOUZA DAMY, Prof^a Miguel Ângelo Fernandez Chavez, afirma que os resultados das ações ficaram acima do esperado, considerando que os alunos ultrapassaram as expectativas, interagindo com os

colegas, com a família e com a comunidade, buscando sanar dúvidas por meio das atividades realizadas. Foi perceptível o encantamento por parte dos alunos ao descobrir a possibilidade de estar inserido em um contexto pluricultural e vê-lo com distanciamento na literatura. O professor alega que:

O discente tem como referência o docente, quando o professor mostra que está em busca de capacitação constante para melhor orientar a construção do conhecimento, o aluno tem em seu olhar o brilho da descoberta do “eu sou igual ao meu professor”, as minhas origens, os meus pais e/ou avós falam a mesma língua que os meus professores, ação que, com certeza, tem impactos positivos na identidade das crianças (RELATÓRIO PEIF, 2014, p. 19).

Ainda ressalta que

Nossos administradores estão investindo nas formações em serviço. Cabe a nós termos um novo olhar sobre o mundo em que estamos inseridos e compartilhamos com os povos fronteiriços o nosso respeito, a união e o intercâmbio cultural, para que o conhecimento voe como condor, levando e trazendo sonhos e esperança dentro de um contexto cultural de raças que rompem barreiras para se viver a lei dos povos, e boa hospitalidade e o amor sem diferenças e sem preconceito (IDEM, p. 18).

Outros educadores, participantes da mesma escola, declararam que o projeto resolveu em tempo recorde “mudar uma história de povos irmãos onde o preconceito e a discriminação de uma postura social, política e cultural, atravessava uma ponte aonde o ir e vir de línguas diferentes incomodava, principalmente a parte educacional (idem, p. 19).

É importante ressaltar que o comprometimento e a garra dos professores foi o ponto mais importante para vencer as adversidades e os entraves burocráticos. Ouvimos de muitos colegas que era impossível a viabilidade de tal proposta, por conta da indisponibilidade dos professores. Mas com a ajuda da Secretaria de Educação do Município que ofereceu apoio aos participantes, o projeto teve êxito.

Não é fácil convencer determinados grupos, dentro do setor educacional, que a literatura é uma, senão a mais, importante disciplina do currículo. Roland Barthes, em sua conhecida obra *Aula*, assegura que:

Se, por não sei que excesso do socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (...) a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso (BARTHES, 1978, p. 18).

No entanto, não há sequer no currículo base brasileiro horas/aulas de literatura suficientes para o letramento literário que se busca. Isso só pode ser realizado por meio de projetos que propicie a educadores e alunos se engajarem nesse objetivo, abrindo novas possibilidades para o conhecimento.

A terceira escola, Eutrópia Gomes Pedroso, é uma instituição para qual oferecemos uma atenção mais próxima por acolher dentro do projeto a proposta do Cruce², uma troca cultural entre uma escola brasileira e outra boliviana. Foram previstos quatro encontros, divididos entre os lados brasileiro e boliviano. Nesses encontros, professores bolivianos assumem as classes brasileiras de idêntica equivalência e os professores brasileiros assumem as bolivianas. É necessário que antes eles se reúnam e estabeleçam um tema, para que todos possam desenvolver suas aulas em diálogo com a temática.

A escola Eutrópia é um polo rural, resultado de um assentamento de reforma agrária, que por sua localização muito próxima ao limite fronteiro, acabou por acolher um grande número de alunos residentes na Bolívia. O tema proposto foi a poesia fronteira. O lado brasileiro escolheu a obra de Manoel de Barros, poeta criado na cidade de Corumbá e a tem como cenário na maioria de seus poemas. O Pantanal permeia toda a produção de Barros, o que facilitou muito a realização de diversas ações como música, teatro, poesia, dança, comida e etc. A escola boliviana La Frontera retribuiu apresentando para os corumbaenses o poeta Hernando Sanabria Fernández, representando a região fronteira.

Considerações finais

² Intercambio discente e docente entre escolas gêmeas da área de fronteira. A metodologia é instituída pelas escolas participantes.

Este projeto, Escolas Interculturais de Fronteiras, teve o caráter de construção do conhecimento por meio da leitura e escrita. Os professores foram capacitados para trabalharem ambas as práticas, já que “o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma (COSSON, 2011, p. 282). Um processo que estabelece um “padrão” permitindo ao leitor, ou futuro escritor, compreender os processos culturais dos textos tanto quanto à sua interpretação, de modo que os pressupostos que orientam o texto possam ser diagnosticados. Tanto os profissionais bolivianos como os brasileiros ajudaram a fundamentar a discussão dos processos culturais que são comuns aos dois povos e individualmente, recebidos de formas distintas.

À guisa de conclusão, podemos afirmar depois dessas múltiplas experiências que a leitura literária nas escolas deve existir acompanhada de uma reflexão acerca de suas premissas e interesses. Para que isso ocorra, o método precisa se adequar ao contexto, e torna-se fundamental levantar determinadas perguntas para a cultura se manifestar. Como as perguntas são condicionadas por muitos pressupostos, os resultados que delas se originam acabam mesmo surpreendendo, como reitera o professor Miguel Ângelo Fernandez Chavez, da Escola José de Souza Damy.

Para diminuir o grau de abstração das reflexões estéticas, alguns professores optaram por utilizar ilustrações para manifestação das linhas de pensamento juntamente com argumentos desenvolvidos com base no texto. A pergunta clássica, que em tempos anteriores acompanhava a interpretação, de qual seria o sentido do texto deixa de existir. Ao contrário de decifrar o sentido do texto, o objetivo é evidenciar o potencial de sentidos proporcionados pelo texto, o que nunca será plenamente elucidado. O leitor não vai desvendar o sentido e sim construir o sentido do texto. Com o tempo, esse leitor letrado perceberá que o próprio texto literário contém instruções para a produção de seu próprio sentido. Se as operações estimuladas pelo texto têm um caráter subjetivo, naturalmente o leitor estabelecerá uma base de comparação objetiva para analisar as entrelinhas.

Segundo Cosson (2011), há várias maneiras de se concretizar esse modo de ler, mas todos passam, necessariamente pelo contato íntimo e pessoal do aluno com o texto e pela análise detalhada de seus mecanismos. Além desses, o trabalho com o texto em

sala de aula precisa seguir um planejamento elaborado a partir de pressupostos teóricos metodológicos.

No entanto, o professor não pode deixar de informar a seus alunos que a literatura faz parte de seu dia a dia, seja nas histórias contadas pelos pais, nas lendas contadas pelos avós, nas poesias, nas cantigas, entre outros gêneros. As manifestações literárias acontecem à nossa volta. No caso da fronteira, onde pouco se guardou das próprias histórias, têm-se a responsabilidade de despertar nos estudantes a valorização dessas manifestações para que possam se encantar com o poder imaginativo e representativo da arte.

Referências

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

CHARTIER, Roger. Entrevista TveBrasil. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/roger_chartier.htm. Acesso em: 16/01/2016.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. A prática de letramento literário em sala de aula. In: GONÇALVES, Adair Vieira e PINHEIRO, Alexandra Santos (orgs). *Nas trilhas do letramento*. Campinas, SP: Mercado das letras; Dourados, MS: Editora UFGD, 2011.

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal. *Relatório final curso de formação continuada Programa escolas Interculturais de Fronteiras: Brasil/Bolívia e Brasil/Paraguai*. Corumbá: UFMS, 2014.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: editora 34, 1996, vol. 1.

MANGUEL, Alberto. *Una historia de la lectura*. Barcelona: Lumen, 2006.

PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. *O que é letramento?* Diário do grande ABC, São Paulo, 29 de agosto de 2003.

EL LETRAMENTO COMO PROPIEDAD DE ESTÉTICA Y PRÁCTICAS CULTURALES EN LA LITERATURA FRONTERAS ESCUELAS

RESUMEN

Este artículo tiene como punto céntrico explorar las posibilidades del *letramento* literario en escuelas públicas municipales, de enseñanza fundamental, específicamente las escuelas que formaron parte del Programa Escuelas Interculturales de las Fronteras – PEIF, realizado en las ciudades de Corumbá/MS y Puerto Quijarro/ Puerto Suarez en Bolivia, durante los meses de marzo a diciembre de 2014. Relata las múltiples experiencias que la lectura literaria proporcionó, acompañada de reflexiones acerca de sus premisas e intereses. Las postulaciones teóricas sobre el tema se anclan especialmente en Cosson (2000), Chatier (1998, 2000), Iser (1996) y sobre las vertientes de la recepción en los espacios culturales, considerando siempre la apropiación en cuanto lenguaje.

Palabras clave: enseñanza, *letramento* literario, escuela de frontera.

Recebido em 06/03/2016.

Aprovado em 15/04/2016.